

Davi Tintino Filho¹

Derivaldo dos Santos²

Introdução

Independentemente dos sistemas semióticos de interpretação selecionados para que os sentidos latentes na linguagem do texto sejam potencializados, a exemplo do que realiza a provocativa Filosofia, o que permanece é o fato de que a literatura se constitui como parte de uma realidade referencial, a qual funciona como berço de onde surge tudo que forma o mundo humano. Tomada, assim, como parte de um sistema complexo (social, histórico e cultural), entende-se que a arte só é capaz de significar algo, quando, de algum modo, relaciona-se com o contexto externo do qual emerge, seja para refleti-lo, seja para refratá-lo, conforme concebe Mikhail Bakhtin, ao discorrer sobre a natureza social e ideológica da linguagem (BAKHTIN, 2014).

Por essa compreensão, a análise de qualquer obra, como a do romance *Rastejo* (2017), do escritor brasileiro Humberto Hermenegildo de Araújo, pode ser feita à luz de um tom investigativo que busca considerar a maneira como – nos planos estético e temático – o romance representa a vida humana, em sua existência individual e coletiva. Entre essas duas esferas, a particular e a social, o texto busca (re)apresentar a complexidade do que é a humanidade.

Na obra citada acima, isso significa lê-la sob o recorte crítico-teórico de algumas categorias narrativas, em específico, pela via da compreensão em torno da constituição psicológica e comportamental das personagens, suas ações e localização no espaço e no tempo transfigurados na urdidura do enredo. Neste estudo, objetiva-se, portanto, perceber a formatação das personagens femininas, a partir da percepção do narrador e personagem Pedro da Costa, no desfiar de suas memórias, a partir do instante em que a família migrou do sertão potiguar para a capital do Estado. É quando se instaura o retorno afetivo às primeiras

¹ É professor permanente de Língua Portuguesa e Literatura, do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), e doutorando do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação do professor Derivaldo dos Santos.

² É professor permanente do Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e colaborador do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL).

experiências, vindo à tona lembranças acerca de como viviam as mulheres de seu círculo íntimo, num contexto social e histórico em prevalecia o querer patriarcal, em detrimento, na maioria das vezes, do silenciamento e da invisibilidade feminina.

A configuração ideológica do romance contemporâneo: memórias, costumes e identidades problemáticas na obra neorregionalista

A leitura crítica do romance de Humberto Hermenegildo de Araújo insere-se no contexto investigativo em torno da literatura contemporânea brasileira, segundo o qual se entende que a obra literária se realiza na conciliação, por aderência ou por resistência, com aquilo que a vida social apresenta em sua formação. Advêm daí contornos críticos diversos que buscam compreender como um dado artista tras muda, em matéria estética, componentes da realidade referencial, suscitando uma abordagem analítica que transcende, unicamente, a materialidade do texto. Sob essa ótica, o mundo e suas diversas instâncias são alçados à condição de conteúdo estético, permitindo, através dos recursos expressivos da linguagem, destacar aspectos da vida que, muitas vezes, ficam ocultos e à margem dos discursos utilitários, como os da história e do jornalismo.

Essa tese talvez possa ser ratificada pelo entendimento do professor Lourival Holanda, para quem a literatura conseguiria realizar uma multiplicidade de atos que a distanciariam de outros tipos de discursos, como a capacidade de captar e de veicular, de forma sensível, elementos ocultos e silenciados do cotidiano: “Não basta descrever o suposto real: sempre algo escapa à linguagem. É essa a aposta maior da literatura: não descrever, mas buscar o que se inscreve no real, por detrás dos fatos.” (HOLANDA, 2019, p. 43). Quando avaliamos, sob essa perspectiva, o romance de Humberto Hermenegildo, é possível perceber que determinados aspectos do mundo referencial, reunidos na fatura estética, problematizam a vida, em suas diversas camadas.

No plano interno da narrativa de *Rastejo*, explora-se a problemática existencial vivida por Pedro da Costa, responsável pela gerência do enredo-memória, dispondo-se a contar, pelo desfiar das lembranças, a saga, nada heroica (pelo menos não na perspectiva do herói clássico greco-romano), dos remanescentes do sertão. Em forma de conteúdo estético, vai se edificando a tensão histórica entre o homem (na condição cultural de gestor-mor do patriarcado) e a mulher (visto, tantas vezes, pelo discurso da história como o sexo frágil,

dependente e servil), no contexto social do Nordeste brasileiro da segunda metade do século XX.

A vida particular de Pedro da Costa e dos membros de sua família passa, então, a comportar o status de situações-problema que ganham substância ideológica de uma complexa contemporaneidade, especificamente, sobre os gêneros e seus respectivos espaços e funções sociais, uma vez que, ao longo da narrativa, vai se evidenciando a condição patológica do homem em conflito com o espaço, através da representação do pai Edmundo, quando decidiu que a família se mudaria para Natal, após a perda do patrimônio, por sua ingerência no trato com os negócios herdados depois da morte do primeiro patriarca, Possidônio Pedro, o Homem do Braz.

A partir daí, gera-se um contraste existencial entre as identidades do masculino e do feminino, em decorrência direta da mudança do sertão para a capital. Tal contraste (que nasce, na narrativa, da tensão entre os modos de ser do pai e das mulheres da família) alicerça-se em dois motivos. Primeiro, porque, a partir da visão do narrador – que vai se constituindo como um indivíduo moderno – o passado familiar é avaliado. Segundo, porque isso implica, diretamente, em sua condição de indivíduo cuja origem sertaneja sofre o impacto da urbanidade, a partir do momento em que a família se desloca para a cidade grande. A problemática se intensifica no instante em que o patriarca resolve voltar para o campo, à revelia da vontade dos filhos e, principalmente, da esposa Elisa, que resiste à escolha do esposo e decide permanecer na capital potiguar.

Note-se que, na perspectiva ideológica da romanesca contemporânea, o autor de *Rastejo* elabora um enredo no qual as representações da mulher adquirem formas distintas daquelas que eram comuns em narrativas anteriores, como as da tradição regionalista até a Geração de 1930. Uma vez que se processa, na obra, o trânsito do ambiente rural seridoense para o da capital Natal, na segunda metade do século passado, amplia-se também o leque de mudanças no âmbito das experiências agenciadas pelas personagens, principalmente, as femininas, provocando o surgimento e o adensamento de situações problemáticas, como as protagonizadas pela mãe Elisa e as irmãs, Marina, Glicéria e Cristina. No plano íntimo das memórias do narrador, isso vai ganhando forma, à medida que cada uma dessas personagens tem parte de seu passado particular acessado pela lembrança crítica do filho e irmão, já em sua fase madura da vida, homem adulto e bancário de profissão, na urbanidade moderna, comercial e turística na capital do Rio Grande do Norte.

Outras representações do feminino: alteridades problemáticas na cartografia urbana

Em dada passagem do quinto capítulo, “Vigília”, o narrador Pedro da Costa adquire um tom analítico, desenvolvendo este conceito: “[...] a lição: a eternidade é o que vale um átimo.” (ARAÚJO, 2017, p. 124). Em sua essência, o comentário oscila entre as concepções poética e filosófica, colocando, em perspectiva, a experiência do tempo pelo crivo da intimidade de quem a vive. O viver, nesse sentido, demandaria a consciência acerca daquilo que preenche a forma temporal mínima, o “átimo”, detentor do poder de provocar o sentimento, pessoal e intrasferível, de “eternidade”. Eternizado na forma do “átimo”, a grandeza temporal é alçada ao foro íntimo, particularizado na forma de atos, gestos e pessoas, aproximando-se da concepção de Gaston Bachelard, cuja reflexão se estende na obra *A intuição do instante*:

[...] o tempo é uma realidade encerrada no instante e suspensa entre dois nada. [...] O instante é já a solidão... É a solidão em seu valor metafísico mais despojado. [...] o tempo se apresenta como o instante solitário, como a consciência de uma solidão. (BACHELARD, 2010, p. 15-16).

O valor sentimental do tempo, embora articulado a uma realidade físico-sensível, transcende o aspecto material, porque, numa dada experiência que atinge o sujeito, sobreleva-se o estado de solidão, geradora de sentidos sobre o mundo, enquanto objeto intangível e incorporado tanto à consciência, quanto à inconsciência. Decorre, daí, o fato de determinados acontecimentos terem o poder de gerar sonhos, devaneios e alucinações. Assim, numa posição intervalar entre "dois nada", o instante adquire significado no presente e estabelece limiar com o passado (que já não tem mais condições objetivas de ser modificado) e com o futuro (que, amorfo, também não dispõe de existência e, portanto, nada pode realizar de concreto, a não ser em forma de projeções de desejos, sendo, por isso, da ordem da vontade).

No contexto estético e ideológico do romance contemporâneo de matiz neorregionalista, discute-se, então, a disposição introspectiva do personagem, na medida em que cada instante eternizado converge para a instauração de memórias, através das quais se estabelece o retorno sentimental das primeiras experiências vividas no campo, em contraste com a existência deletéria em solo urbano. Desse segundo tempo, o da cartografia citadina, as coisas do passado são reavaliadas, produzindo-se, na essência do sujeito narrativo, reflexões que ressignificam o mundo sertanejo, com seus tipos humanos, seus padrões de comportamento e seus modos de sentir.

Através do processo cotidiano de observar a realidade, vai se delineando, em três níveis de catálise íntima, o olhar sensível de Pedro sobre aqueles que compuseram o agrupamento familiar, desde os avós, passando pelos pais, até chegar às irmãs. Isso significa que, enquanto sobre os primeiros membros da casta, recai a percepção narrativa ainda na transfiguração plena da realidade sertaneja, em relação aos pais, elabora-se uma reflexão em torno de como se dera a transição do campo para a cidade. No que diz respeito às irmãs, processam-se as recordações de como se desenvolvera a vida já totalmente em solo urbano.

Entre os vários acontecimentos rememorados, a cena seguinte cristaliza bem a tensão emocional diante da experiência familiar, na revivência da ancestralidade, entre o espaço da capital e do interior, quando Edmundo, pai de Pedro, desiste da vida na cidade e resolve regressar para o interior:

Apesar de desmedida força que parecia tirar de imagens evocadas do sertão, ele entrou numa crise depressiva que o levou a uma vereda sem volta. [...] Não reconhecia a cidade como o seu lugar, então queria vender a casa e comprar um pequeno sítio para reorganizar a vida. Mas a família, já resolvida, não aceitou pela primeira vez a vontade do pai e colocou nas mãos maternas o bastão guiador. A sobrinha de Joana Benícia encheu os pulmões como rainha dos Azevedo Batista Cunha Dantas Araújo da Costa: “A casa, eu não vendo!”. (ARAÚJO, 2017, p. 25-26).

A memória do personagem retorna ao momento de ruptura no seio familiar, quando o pai resolve regressar para o sertão, por não se adaptar à vida nova. Produzindo uma tensão significativa na história dos remanescentes sertanejos, a mãe Elisa impõe-se à decisão do marido e decide que a casa não seria vendida. Com isso, a extensa história genealógica da família – concentrada nos sobrenomes “Azevedo Batista Cunha Dantas Araújo da Costa” – é abalada definitivamente, impactando na construção daquilo que o narrador se tornara enquanto homem adulto, cativo do próprio passado.

Estabelece-se, desse modo, ao longo da fatura do enredo, a formação do indivíduo remanescente da tradição sertaneja, pela via dos aspectos materiais e consuetudinários da cultura predecessora, os quais, revistos pela lente da maturidade urbana, são reavaliados pelo homem com outra formação, diferente da exclusivamente rural. A começar pelas recordações em torno dos avós – os quais interferem, de alguma maneira, na personalidade do narrador, constituindo-se, aí, o cerne da formação humana a partir de um conjunto diverso de referências provenientes da ancestralidade.

Essa é a compreensão de Clyde Ford, ao refletir sobre seus antepassados, seus sofrimentos e seus desafios, quando foram postos na condição de seres humanos feitos

escravos. Na perspectiva genérica dos mitos e das lendas africanas, o intelectual analisa o modo como uma dada descendência tende – seja por afirmação, seja por negação, seja por atualização – a dar continuidade, ainda que sob formas diferenciadas, a traços culturais, ideológicos e existenciais provenientes da genealogia da qual adveio:

Durante anos refleti sobre aquelas vozes – não tanto de onde vinham ou se eram verdadeiras, mas sobre a mensagem que trouxeram. Também se isso era uma graça ou um fardo para mim. Seja qual tenha sido o trauma que afligiu aquelas vozes, ele ainda permeia gerações há muito distanciadas do seu sofrimento. Será que essas feridas poderiam ter sido impostas não só a corpos negros, mas à alma coletiva da humanidade? (FORD, 1999, p. 29).

Da avaliação de Clyde W. Ford sobre a ancestralidade e sobre aquilo que herdamos dela, depreende-se que a capacidade fabulatória do ser humano em torno do passado emerge da necessidade de, a partir do traçado do percurso da gente predecessora, compreender a maneira como as vivências anteriores impactam nas gerações seguintes, inclusive, no modo como cada sujeito – no “âmago do self de cada um” (Ibidem, p. 31) – conduz a existência, seu comportamento e seu modo de sentir, de viver os sentimentos, desejos, sonhos e temores no mundo contemporâneo.

É através dessa lógica que se avalia a construção identitária do protagonista de *Rastejo*, pela via da percepção do Outro, com a revivência da memória, no movimento de saída do campo, o estabelecimento na cidade e o processo de recordação do passado sertanejo. A relação formativa do “mesmo” a partir do “outro” segue mesmo a crescente ideológica da tradição do realismo universal europeu, quando o processo de individualização da identidade do personagem ganhara status central na composição da narrativa, por meio da proeminência da consciência do sujeito acerca do tempo vivido e de sua condição na sucessão dos fatos que o conduziu até o presente. Esse é o entendimento de Ian Watt, a partir dos estudos do inglês John Locke e do escocês David Hume, acerca da

[...] identidade pessoal como uma identidade de consciência ao longo de um período de tempo; o indivíduo estava em contato com sua identidade contínua através da lembrança de seus pensamentos e atos passados. [...] essa localização da fonte da identidade pessoal no repertório das lembranças [...]. Essa posição é típica do romance; muitos romancistas [...] exploraram a personalidade conforme é definida na interpenetração de sua percepção passada e presente. (WATT, 2010, p. 22).

Houve um imbricamento entre o que era externo ao sujeito e o que dizia respeito ao seu interior, de maneira que a forma do romance acabou, inevitavelmente, por assimilar a influência de terceiros – do presente e do passado – sobre o indivíduo. No caso do narrador do romance de Humberto Hermenegildo, isso representa mais do que a configuração das

memórias individuais. Desenvolve-se, na verdade, em grande escala, o retorno crítico a um passado compartilhado e singularizado na vivência das outras personagens.

A partir da metade do romance – principalmente, os capítulos quatro e cinco – ocorre um redirecionamento do conteúdo das memórias de Pedro da Costa. É quando se inicia a recordação das próprias experiências e das quatro mulheres da família, a começar pela mãe Elisa e sua expectativa de vida na cidade, a qual acredita que, “[...] Em Natal, os filhos cresceriam com os olhos voltados para a vida na cidade grande.” (ARAÚJO, 2017, p. 83). A percepção da mãe – diferentemente da de muitas mulheres que a antecederam na longínqua vida sertaneja – modificou-se no instante em que a realidade da capital permitiu-lhe imaginar um futuro diferente, principalmente, para os filhos, ainda que vislumbres de mágoas e tristezas possam ser sentidos pela forma como o casamento findara.

É interessante destacar que essa mudança de perspectiva se processa ao se dar, indiretamente, voz (indireta, pois o agente da dicção é um homem) e representação literária a partícipes de um grupo que, historicamente, foi subjugado a uma condição subalterna. Essa problemática em torno de minorias em espaços periféricos é discutida por Gayatri Spivak, quando reflete sobre “como o sujeito do Terceiro Mundo é representado no discurso ocidental” (2010, p. 24). Isso significa dizer que se verifica um avanço na construção das narrativas contemporâneas, quando o artista resolve ceder voz, no âmbito da representação literária, a um sujeito masculino que se recorda de como as mulheres de seu passado viviam.

Note-se que, no caso de *Rastejo*, a personagem de Elisa figura o tipo narrativo que mais se vincula à forma feminina da transição do campo para a cidade. Embora sejam pressentidos resquícios de uma saudade dolorosa, o seu olhar movimenta-se para frente, impelido por um desejo de vida melhor para os quatro filhos, desde que “[...] a família, já resolvida, não aceitou pela primeira vez a vontade do pai e colocou nas mãos maternas o bastão guiador.” (ARAÚJO, 2017, p. 25-26).

Com o redirecionamento das memórias do narrador, da perspectiva do patriarcado para a das múltiplas experiências femininas, emergem outras formas do ser mulher. Pode ser observada, por exemplo, a condição social ocupada por Elisa na capital: “No novo arranjo, ela ficava em casa cozinhando e lavando roupa, sem a nostalgia de rendadas saias – a feira do mês era trazida por nós, filiais e provedores.” (Ibidem, p. 83). Ainda que, residualmente, a personagem represente o tipo feminino que cuida da casa, processa-se, todavia, outro tipo de experiência para essa mulher sertaneja, diante do “novo arranjo” familiar na cidade grande. É

quando seus filhos são, agora, os responsáveis pelos proventos, não havendo mais a dependência econômica do pater poder.

Ampliam-se as possibilidades existenciais personificadas pelos agentes femininas no romance, havendo, pela ordenação das experiências coletivas que emergem das recordações do narrador, uma pulverização de suas atuações, tanto no seio da família, quanto no espaço social da cidade, como o ingresso no mercado de trabalho. A memória individual passa, nesse sentido, a outro patamar, compartilhando alteridades que transcendem a identidade de quem recorda. É o que pode ser entendido a partir das análises de Ecléa Bosi sobre psicologia social e sobre o conteúdo histórico e afetivo das memórias:

Os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola, tomam a palavra. A história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios. [...] A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. (BOSI, 2003, p. 15).

O fato de a rememoração de Pedro da Costa processar-se na fase madura da vida permite-lhe, pelo crivo do homem adulto, ter uma visão mais panorâmica sobre o passado e o conjunto de “paixões individuais”. Isto é, sobre aquelas que remontam ao tempo do sertão e, principalmente, sobre as que se desenvolveram a partir da mudança para a cidade grande. Isso se deve ao fato de as lembranças da infância, no interior, serem em menor número, se tomadas, comparativamente, com as que sucederam na capital. Localizadas no segundo tempo de sua existência, as recordações dessa nova fase contemplam, principalmente, a visão sobre si mesmo e os “episódios” vividos por suas três irmãs. Por esse motivo, é simbólica a representação de Elisa, porque, como referencial imediato de uma sertaneja que sofreu o processo de desterritorialização, as filhas tenderam a ter, por exemplo, uma vida diferente da mãe e da avó.

Na conjuntura da estética contemporânea, seguindo a cronologia apresentada em torno da evolução do gênero, o romance do entremeio dos séculos XX e XXI passa a comportar múltiplas variações acerca de linguagem, de foco narrativo, de eixo temporal e de disposição temática. Quanto a esse último aspecto, a forma neorregionalista apresenta, segundo Herasmo Braga Brito (2017, p. 31), um movimento diferente de incorporação da autonomia da condição feminina, diferenciando-se dos modelos de representação realizados por significativa parcela de artistas da geração de 30.

No caso de *Rastejo*, a atuação das três irmãs de Pedro da Costa sinaliza para um deslocamento do domínio do patriarcado, para uma focalização maior da subjetividade da mulher, em instâncias variadas, como a dos sentimentos e do acesso ao mercado de trabalho. No tecido do enredo, isso ocorre “Após o retorno do pai ao sertão” (ARAÚJO, 2017a, p. 77), quando cada uma delas passa a protagonizar, de certa forma, uma mudança na perspectiva histórica e cultural da hegemonia masculina, ainda que tenha havido renúncias e perdas pelos novos caminhos traçados.

Observe-se, por exemplo, que Marina, a filha mais velha do casal Elisa e Edmundo, assume a manutenção da família, exercendo, inicialmente, o trabalho doméstico com costura, mas sonhando com outros horizontes profissionais, para si e para os irmãos. Já Glicéria, a segunda filha, ultrapassa aquela condição da mulher que deveria se “preservar para o casamento”, para confirmar a sua condição de “moça de família”. Na nova experiência citadina, a segunda irmã de Pedro da Costa, personifica a mulher que, pela ordem do desejo, experimenta e desafia os limites impostos à própria sexualidade. Cristina, a última filha da casta sertaneja enforma a personalidade da mulher que se rebela contra quaisquer tipos de prescrições morais do passado, encetando modos transgressivos de experimentar a vida.

Considerações finais

A leitura do romance de Humberto Hermenegildo de Araújo possibilita perceber que as experiências particulares das três filhas do casal acrescentam, simbolicamente, matizes diferentes aos episódios que constituem a “história das mulheres”, conforme concebe a intelectual francesa Michelle Perrot, segundo a qual, essa narrativa passa, inevitavelmente, pelo acesso “ao mundo dos homens, o mundo do saber, do trabalho e da profissão” (2013, p. 13-14).

No contexto histórico transfigurado em *Rastejo*, o conjunto de episódios rememorados coloca, em forma de matéria narrativa, modos singulares no tocante à vida das mulheres, uma vez que as distanciam do modelo de mulher sertaneja, submissa e dependente do querer do homem, através de outras opções existenciais. Essa mudança de perspectiva as aproxima dos tipos femininos que a crítica americana Elaine Showalter denominou de “nova mulher” (1993, p. 61).

É possível perceber, portanto, como as mulheres da família de Pedro da Costa vão, cada uma a seu modo, reconfigurar, no espaço da cidade, as múltiplas possibilidades existenciais para essa “nova mulher”, para quem o casamento não se revelava como a única opção de vida. Inversamente ao destino programado pelos ancestrais, a liberdade sexual, a inserção no mundo trabalho e o acesso à formação acadêmica impulsionaram, conseqüentemente, a potência do desejo no que diz respeito a conceberem a realização da vida para além do matrimônio e da maternidade.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. **Rastejo**. Natal: Caravela Cultural, 2017.
- BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante**. 2. ed. Tradução de Antonio Padua Danesi. Campinas, SP: Verus Editora, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail (V. N. VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 16. ed. Trad. De Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRITO, Herasmo Braga de Oliveira. **Neorregionalismo brasileiro: análise de uma nova tendência da literatura brasileira**. Teresina: EDUFPI, 2017.
- FORD, Clyde W. **O herói com rosto africano – mitos da África**. Tradução de Carlos Mendes Rosa. São Paulo: Summus, 1999.
- HOLANDA, Lourival. **As senhas da esperança**. In: HOLANDA, Lourival. **Realidade inominada – ensaios e aproximações**. Recife: Cepe Editora, 2019, p. 34-44.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- SHOWALTER, Elaine. **Anarquia sexual: sexo e cultura no fim de siècle**. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.